

# Um tesouro de exceção: A riqueza das joias do Senhor Santo Cristo

DIREITOS RESERVADOS



O Senhor Santo Cristo dos Milagres e as suas joias

Fruto de uma devoção socialmente transversal, o tesouro da imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres de Ponta Delgada testemunha a vivência da divisa “Para Deus o Melhor”, numa representação de um dos momentos mais significativos da joalheria devocional em Portugal.

Vários foram os investigadores que dedicaram a sua atenção às riquezas desta imagem. Desde logo Hugo Moreira, em diversos artigos publicados em jornais açorianos, António Filipe Pimentel, na revista *Oceanos*, em 2000, bem como Rui Galopim de Carvalho, em 2010, forneceram importantes subsídios para o conhecimento do percurso histórico, artístico e gemológico das preciosidades deste tesouro.

A exaltação devocional setecentista privilegiou a valorização do ato de pagamento de promessas e a vontade de enriquecer as imagens que os devotos mais apreciavam. Esta *praxis* permitiu o enriquecimento dos espólios daquelas que recebiam mais fervor devocional, constituindo-se, assim, verdadeiros tesouros, alguns dos quais foram sendo vendidos ou dispersados por uma multiplicidade de fatores que não importa aqui referenciar.

Visitemos, pois, os principais adornos preciosos que compõem este tesouro, sem paralelo no que se refere a exemplos sobreviventes em Portugal, e a que se ligaram especialmente os condes da Ribeira Grande, capitães-donatários de Ponta Delgada, seguidos pelas principais famílias da cida-

de e por todos os estamentos da população da ilha, e dos Açores, em geral. Os objetos mais relevantes que adornam a imagem são o resplendor, a coroa de espinhos, a corda, o medalhão-relicário e a cana.

A corda torna-se, pela sua capacidade de fácil aglutinação de outras peças, o objeto mais facilmente alterável ao longo dos tempos, possuindo, inclusive, peças do século XX. Formada com base numa torção de aljófares em fiadas e ouro, e disposta ao jeito de *sautoir*, tem agregada uma grande quantidade de botões, anéis, entre outros elementos preciosos, e remata em borlas, onde são visíveis estruturas filigranadas. A presença dos aljófares, que sucede também na vara, pode ser constatada na leitura dos inventários setecentistas das principais famílias da ilha de S. Miguel.

O resplendor, circular, dos finais do século XVIII, impressiona pela qualidade das gemas e pela diversidade iconográfica, que a variedade de elementos do Ciclo de Paixão possibilita. E toda esta mensagem visual existe em harmonia iconológica com a representação do Senhor Santo Cristo dos Milagres, o *Ecce Homo*. Cravos, esponja, coroa de espinhos, martelo, escada, alicate, o galo que cantou três vezes, após as negações de Pedro, entre vários outros, exaltam, numa requintadíssima articulação entre a pujança da estrutura áurea e o brilho da pedraria, a grandeza simbólica da imagem. Neste expoente da ourivesaria portuguesa, a que pode não ser estranha a figura de David Ambrósio Pollet, joalheiro da Casa Real,



a primeira opção residiu na cravação de pedras mais valiosas, se bem que o topázio, gema tão em voga neste período, não deixou de ser utilizado.

Na cana, ao jeito de palmito e ramagem que frequentemente adornava as igrejas nos séculos XVII e XVIII, avulta a laçaria da base, em cujo centro se inscreve um hábito de Cristo. Até ao remate superior, em forma de uma erupção de aljófares rematada por uma ramagem de feição já oitocentista, dispõe-se uma sucessão de flores harmoniosamente articuladas. O jogo dos brilhos, que a presença de vários trémulos acentua, celebra uma composição em que reside um aparente paradoxo entre a exaltação de sofrimento que perpassa do

## Um dia para os museus

O Dia Internacional dos Museus, 18 de Maio, foi instituído em 1977 e, desde então, nesta data, por todo o mundo, os museus evidenciam o papel que desempenham no desenvolvimento da sociedade. A celebração tem vindo a ganhar notoriedade ao longo dos anos, envolvendo milhares de museus, espalhados por mais de cem países. Ano após ano, o Conselho Internacional de Museus propõe um tema para as atividades destinadas a assinalar este dia. O tema para 2012 é *Os Museus num Mundo em Mudança: novos desafios, novas inspirações*. Um questionar sobre o papel dos museus numa era de grandes mudanças e sobre a sua atuação no futuro, onde deverão abordar e interpretar novas temáticas, como as alterações climáticas, os novos média e a responsabilidade social. ♦

JOÃO P. CONSTÂNCIA  
MUSEU CARLOS MACHADO  
joao.pa.constancia@azores.gov.pt

semblante da própria imagem e a riqueza festiva dos adornos.

Acentuando essa dimensão dramática, a coroa de espinhos, com diamantes e pontilhada de rubis, da primeira metade do século XVIII, acentua a densidade da toda a composição, num efeito em que o brilho das gemas reforça o efeito de teatralização do conjunto.

Para terminar a alusão às peças mais relevantes deste tesouro, refiram os medalhão-relicário, cuja parte central, em cruz, permite a observação da relíquia através de um vidro. Segue-se uma ornamentação formada por composições, nomeadamente de pedras de cor e incolores, numa execução datada já dos finais de Setecentos, que remata em raios cravejados de pedraria.

Do esplendor e riqueza da imagem do Senhor Santo Cristo emanam séculos de devoção, de angústias e alegrias. É, de certa forma, a catedral de uma açorianidade devota, numa fé quotidianamente renovada. ♦

GONÇALO DE VASCONCELOS E SOUSA  
PROFESSOR CATEDRÁTICO  
DA ESCOLA DAS ARTES DA UCP  
gsousa@porto.ucp.pt

PROMOTOR



Governo dos Açores  
PRESIDÊNCIA DO GOVERNO  
Direção Regional da Cultura